



## **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**

### *Narrative analysis and practices of understanding social life*

Liliana Cabral BASTOS (PUC-Rio/CNPq)

Liana de Andrade BIAR (PUC-Rio)

#### **RESUMO**

*O artigo revisa encaminhamentos da área da análise de narrativa, almejando estabelecer interlocução com diferentes áreas da pesquisa social. Situa a análise de narrativa no campo da Linguística Aplicada contemporânea, assumindo sua adesão à perspectiva construcionista da pesquisa qualitativa e oferecendo instrumental teórico-metodológico de orientação discursivo-interacional. O artigo apresenta ainda dois exemplos de pesquisa resultantes de trabalho de campo em contextos marcados pelo tema da violência. O primeiro, realizado com internos de um complexo prisional, se debruça sobre uma narrativa de adesão ao tráfico, refletindo sobre o modo como o estigma da criminalidade é ressignificado em interação. O segundo se ocupa do trabalho do conselho tutelar do Rio de Janeiro, buscando identificar os entendimentos dos conselheiros sobre o exercício de suas tarefas.*

**Palavras-chave:** *Análise de narrativa; Identidade; Interação; Interdisciplinaridade.*

## ABSTRACT

*This article reviews current work on narrative analysis, considering possibilities for dialogue with different areas of social research. We situate narrative analysis in the field of contemporary Applied Linguistics, assuming its alignment with the constructionist perspective of qualitative research, and provide theoretical and methodological tools for a discursive-interactional approach. The article also presents two analyses resulting from field research in contexts marked by violence. The first one, realized with inmates in a prison complex, focuses on a narrative about participation in a drug trafficking ring, reflecting on how the stigma of criminality is reframed in interaction. The second one deals with the Child Protective Services of Rio de Janeiro, seeking to identify the understandings of the caseworkers about how they perform their tasks.*

**Key-words:** *Narrative analysis; Identity; Interaction; Interdisciplinarity.*

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, nas ciências humanas e sociais, com a chamada virada discursiva, tem crescido o interesse pelo estudo de narrativas que emergem de contextos espontâneos, institucionais e de pesquisa. Áreas tão diversas como a educação, a história, a psicologia social, a administração de empresas e a antropologia vêm, recentemente, reconhecendo essa forma discursiva como um objeto privilegiado da pesquisa social. Contando histórias, os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos; analisando histórias, podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social.

O presente artigo organiza algumas premissas e desenvolvimentos de uma área situada nessa interseção disciplinar, a qual passaremos a chamar *análise de narrativa*. Adotamos aqui uma lente discursiva e interacional para o tratamento analítico das narrativas, e nosso objetivo mais geral é fornecer um guia de entrada na área, útil a pesquisadores de diferentes tradições interessados nessa interlocução. Alguns objetivos específicos se articulam na construção de tal guia.

Em primeiro lugar, revisaremos os principais temas a partir dos quais a narrativa vem sendo tratada na literatura seminal da área e em nossos próprios encaminhamentos de pesquisa, privilegiando compreensões que a examinam enquanto uma prática discursivo-interacional social e situada, que organiza a experiência humana e constrói sentidos culturalmente relevantes. Para isso, será necessário localizar o campo na análise de narrativa na moldura epistemológica construcionista que marca boa parte da reflexão contemporânea e brasileira da Linguística Aplicada, especialmente no que diz respeito ao seu caráter multi e interdisciplinar e sua postura crítica e eticamente informada sobre as diferentes questões sociais que constituem seu interesse.

Em segundo lugar, encaminharemos em linhas breves e introdutórias uma proposta teórico-metodológica a profissionais e pesquisadores de diferentes áreas iniciantes em análise de narrativa, provendo diretrizes gerais para o trabalho de campo e geração de dados, técnicas de identificação da forma narrativa e direções de pesquisa orientadas para sua emergência interacional e centralidade na construção de identidades sociais.

Por fim, apresentaremos dois exemplos de análise narrativa geradas em nosso próprio trabalho em contextos institucionais que sublinham o tema da violência. Essas análises servirão tanto para ilustrar os encaminhamentos teórico-metodológicos que ora propomos, quanto para avançar as discussões sobre o campo.

## 2. A análise de narrativa: primeiras definições

Pode-se definir narrativa, pré-teoricamente, como o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social. Ao longo deste artigo, procuraremos definir, caracterizar, exemplificar e propor caminhos de estudos narrativos alinhados ao que, por vezes, tem sido chamado *análise de narrativa* (Mishler 1986, 1999; Riessman 1993, 2008; Ochs e Capps 2001), uma área que agrega tanto abordagens estruturais quanto interacionais da narrativa em perspectiva discursiva.

Há, em tal proposta, algumas afinidades com outras abordagens e tradições de pesquisa, mas não, evidentemente, uma identificação plena. Entre tais abordagens, destacamos, por exemplo, a chamada *história oral* (Ferreira e Amado 1996), que privilegia o testemunho oral como instrumento do historiador e do antropólogo, tipicamente interessados na voz dos que ficam à margem da construção oficial da história, e em fenômenos como a imigração, diáspora, trabalho, identidade e gênero. Na área da educação, tem tido bastante repercussão, notadamente na reflexão sobre a formação de professores, a *pesquisa narrativa* (Clandinin e Connelly [2004] 2011), que se propõe a analisar histórias da experiência humana para a pesquisa sobre ensino e aprendizagem (Webster e Mertova 2007). No campo da psicologia discursiva, há um grande interesse pelas *histórias de vida* (Freeman 2006) produzidas em situação de entrevista, analisadas, sobretudo, para a compreensão do desenvolvimento e da construção da subjetividade dos entrevistados. Na tradição da *teoria literária da narrativa* (Herman 2007), importantes construtos foram gerados para o estudo da narrativa (enredo, tempo, personagens, narração, etc.), da perspectiva estruturalista da narratologia à empreitada mais contemporânea, que trabalha com a narrativa ficcional na interdisciplinaridade e em diferentes mídias. A *análise de narrativa* que ora propomos se beneficia, de diferentes formas, de pesquisas desenvolvidas em todas essas áreas de estudo, e acreditamos também ser possível contribuir para essas pesquisas, oferecendo parâmetros discursivos para os seus trabalhos.

No âmbito dos estudos da linguagem, as narrativas foram pioneiramente estudadas em termos de sua estrutura e características formais (Labov e Waletzky 1968, Labov 1972). Na abordagem laboviana, a narrativa é definida como forma de se recapitular discursivamente experiências passadas a partir de uma articulação sequencial de orações. Entende-se nessa empreitada a sequência como uma propriedade linguístico-discursiva representativa de uma ordem cronológica dos eventos passados em um postulado mundo real.

Os estudos contemporâneos da narrativa, por sua vez, revisam o trabalho pioneiro de Labov, tanto ampliando suas definições formais e passando a incluir sob o escopo de análise segmentos não-canônicos (Bamberg e Georgakopoulou 2008), quanto considerando a sua emer-

gência em contextos interacionais diversos (Sacks 1984, Garcez 2001, Mishler 1986, 2002).

Outros trabalhos, como os de Bruner (1990), Linde (1993) e Mishler (1999, 2002), problematizam as concepções realistas/representacionistas sobre narrativa presentes nos trabalhos pioneiros. Bruner e Linde argumentarão que as histórias de vida são construídas mais em função de certos cânones culturais que de sua alegada capacidade de representar eventos. Mishler, diferentemente, explora as funções da ordem temporal em narrativas, fazendo uma distinção entre tempo cronológico e tempo experiencial. Esses autores apresentam em comum a tomada da narrativa como uma forma de *constituir* uma realidade sempre revogável e a serviço de padrões culturais e interacionais. Se concordarmos que as histórias não servem fundamentalmente para informar um “real” que lhes antecede e sobrepõe, então, o que se está reivindicando para as narrativas são funções mais complexas e mais comuns à experiência cotidiana, relacionadas à construção de sociabilidade, à conformação da experiência em padrões públicos de aceitação e à construção de um sentido de quem somos e do mundo que nos cerca.

Neste artigo pleiteamos para a narrativa um lugar privilegiado para a análise de problemas de pesquisa ligados à construção identitária e interação social, e essas direções nos aproximam tanto de uma proposta da Linguística Aplicada Contemporânea, conforme definida por Moita Lopes (2006), quanto da perspectiva epistemológica construcionista (Moita Lopes 2002, Gergen 1998).

Não à toa, se convencionou chamar de virada narrativa a tendência de, nas ciências sociais, se questionar o estatuto até então objetivo das descrições etnográficas de diferentes grupos sociais. Passou-se a assumir, a partir de então, que os dados não falam por si, nem descrevem uma realidade; que o conhecimento produzido em campo é sempre produzido por um pesquisador, ele próprio um ator social, que, pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais, olha seu objeto de uma determinada perspectiva, e constrói sobre o campo de pesquisa uma narrativa única.

Em um sentido francamente construcionista, isso quer dizer que o mundo social se forma à medida que as pessoas o discutem, o escrevem

e o contestam, ou seja, “no âmbito linguístico-semântico” (Fabrício 2006: 50). Não se credita mais um sentido universalmente válido às coisas do mundo; isto é, os significados sociais não são passíveis de descoberta, e sim de construção ativa. Esse novo modo de se produzir sentidos na pesquisa social passa a se basear, inevitavelmente, no diálogo multidisciplinar entre diferentes modos de se pensar as práticas humanas.

Se, em uma versão mais radical desse relativismo, todas as práticas etnográficas ou reflexões sobre a sociedade, porque perspectivadas, são consideradas igualmente válidas, sendo impossível determinar como mais “correta” uma dada interpretação, o projeto construcionista, para boa parte das suas versões mais moderadas, conceberia a ideia de validade de acordo com um compromisso ético: as interpretações válidas são aquelas que se comprometem com a desconstrução de práticas sociais injustas e com a transformação destas (a partir de uma visão aplicada de ciência), em oposição radical ao desengajamento das epistemologias de demandas puramente cognitivas (Schwandt 2006).

É justamente essa imbricação entre a epistemologia construcionista e o compromisso social e político que ecoa na proposta programática de Moita Lopes (2006) sobre a Linguística Aplicada contemporânea. O autor define a Linguística Aplicada, em sua versão crítica e contemporânea, como um campo de estudos que, a partir de um arcabouço intelectual aberto a influências diversas, debruça-se sobre a linguagem e sua relação com a vida social, produzindo sua própria teoria. Alternativamente a todos os tipos desinteressados de produção de conhecimento, a pesquisa nessa área faria parte de um projeto epistemológico marcadamente interdisciplinar, como já se disse, e um meio de construção da vida social.

A análise de narrativa configura-se como uma ferramenta útil a esse projeto na medida em que: (i) promove diálogo entre múltiplas áreas do saber; (ii) se debruça sobre a fala dos mais diversos atores sociais, nos mais diversos contextos; (iii) reverbera entendimento do discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade; (iv) nega a possibilidade de se delinear as identidades estereotipadamente, como instituições pré-formadas, atentando para os modos como os atores sociais se constroem para fins locais de performance (Butler

1990) e (v) avança no entendimento sobre os modos como as práticas narrativas orientam, nos níveis situados de interação, os processos de resistência e reformulação identitária.

### 3. Narrativa e metodologias da pesquisa qualitativa

Algumas orientações metodológicas comparecem recorrentemente em trabalhos afinados com a proposta para análise de narrativa aqui delineada. De modo geral, pode-se dizer que as análises são de natureza qualitativa e interpretativa, interessadas, como se disse, no que acontece na vida social.

Um dos pontos mais fundamentais a ser considerado é que essas pesquisas tomam o contexto micro como objeto pesquisável, isto é, se voltam para a análise das práticas de linguagem que fundam os encontros sociais, onde se constroem as definições da situação e as negociações identitárias de toda ordem.

Tais análises estão também apoiadas em um trabalho de campo de inspiração etnográfica, útil para dar conta da complexidade necessária à apreensão dos processos de construção de sentido. Na tradição da etnografia, entende-se que para tal interpretação é necessária uma observação direta, prolongada e densa do universo pesquisado, e a própria apreensão do contexto constitui os resultados de pesquisa. Para a análise de narrativas, diferentemente da etnografia clássica, considera-se que a inserção no contexto de pesquisa e as descrições desse contexto devem ser densas o suficiente para ancorar as análises do discurso produzido no campo – produz-se, assim, como etapa necessária à interpretação de dados, uma descrição de *viés* etnográfico, orientada para uma interpretação êmica do que acontece, ou seja, buscando “interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (Denzin e Lincoln 2006: 17).

De maneira condizente, porém, com as tendências epistemológicas construcionistas, assume-se, nessas análises, a perspectivização do olhar do pesquisador, isso é, reconhece-se a impossibilidade de distância social relativa ao objeto (Velho 1981) e o caráter sempre local e contingente dos conhecimentos produzidos em pesquisa. Além disso, embora se almeje observar recorrências e sistematizar interpretações,

há um grande cuidado com as generalizações fáceis, com a homogeneização e simplificação do que é observado.

Acerca dos procedimentos mais comuns de geração de dados, cabe considerar que as narrativas analisadas em trabalhos de natureza discursiva emergem e são flagradas pelo pesquisador nos mais diversos contextos. Algumas pesquisas elegem interações cotidianas (tais como jantares em família e conversas entre amigos), outros com interações institucionais (na escola, na delegacia de polícia, em atendimentos comerciais), outros com grupos focais, alguns com entrevistas de pesquisa.

Na atualidade, algum destaque tem sido conferido às narrativas oriundas de entrevistas, planejadas de forma semiestruturada ou aberta, formuladas de modo a encorajar a emergência de narrativas. Tal qual um encontro interacional dito espontâneo, os processos e sequências dessas entrevistas são descritos e analisados como qualquer outra atividade de fala (Mishler 1986). Conforme acrescenta Silverman (1997), reconhece-se a ratificação social das entrevistas e sua distribuição de papéis em nossa cultura.

Após gravados os dados (em áudio ou vídeo), as transcrições das falas são feitas com base em adaptações e simplificações das convenções utilizadas na Análise da Conversa e na Sociolinguística Interacional<sup>1</sup>, de modo a contemplar também os aspectos supra-segmentais e paralinguísticos da interação. A própria transcrição de dados é tida como uma etapa já interpretativa (Mishler 1986, Riessman 1993, Garcez 2002), uma vez que se baseia em processo seletivo guiado pelos olhos do pesquisador.

Nas análises mais explicitamente interpretativas que se seguem ao processo de transcrição, também são utilizados construtos tanto da Análise da Conversa como da Sociolinguística Interacional: das noções fundamentais de turnos e suas sequências (da Análise da Conversa), às noções de pistas de contextualização de Gumperz (1982) e footings e enquadres de Goffman (1974, 1981), entre outras.

---

1. Uma tabela com as convenções comumente utilizadas na área encontra-se anexada a este artigo.



## 4. Os caminhos analíticos recorrentes na análise de narrativa

Como já dissemos, a análise de narrativa mostra-se bastante produtiva para examinar a fala gerada em diferentes contextos, tanto em interações cotidianas, institucionais, em entrevistas de pesquisa e em grupos focais. Nesta seção, indicamos alguns caminhos de análise possíveis e iniciais àqueles interessados na análise de narrativa como uma prática de análise do discurso. Sem pretender esgotar as possibilidades ou aprofundar cada uma das questões, apresentamos aqui tão somente um mapa prático que orienta o pesquisador pelos caminhos da identificação formal das narrativas, seus aspectos interacionais e sua relação com os estudos identitários.

### 4.1. A identificação formal da narrativa

Na seção 2, apresentamos brevemente os estudos de Labov e Waletzky (1968) e Labov (1972) como fundadores da pesquisa sobre narrativa, definindo-a como um método de se recapitular experiências passadas que combina, a partir de propriedades identificáveis bem delimitadas, sequências verbais e sequências de eventos. Os autores apresentam o que se convencionou chamar de o modelo canônico de narrativa, e a descrevem em termos sintáticos. Em função da linearidade da fala, há na narrativa uma técnica específica de concatenação de orações que corresponda a uma sequência de eventos cronológicos passados.

Para Labov, então, uma narrativa bem formada deve obedecer tipicamente à seguinte estrutura formal:

1. *Sumário*: resumo inicial do que virá a seguir, com introdução do assunto e da razão por que a história é contada.
2. *Orientação*: identificação de personagens, tempo e lugar e atividades narradas, necessárias à contextualização da sequência de eventos.
3. *Ação complicadora*: sequenciação temporal de orações narrativas, em que o narrador efetivamente deixa de contextualizar e passa a

contar o que aconteceu. A ação complicadora é o elemento fundamental para a caracterização de um discurso narrativo. Labov afirma que, se pelo menos duas orações no passado estiverem sequencializadas, remetendo a um passado temporal, se está diante de uma narrativa mínima.

4. *Avaliação*: explicitação da postura do narrador em relação à narrativa de forma a enfatizar a relevância de algumas de suas partes em comparação a outras. A avaliação também deixa entrever a razão de ser – o ponto – da narrativa. Para Labov, toda narrativa tem um ponto, isto é, um motivo que justifique sua reportabilidade, condição que, segundo o autor, sustenta a relevância comunicativa do surgimento de uma história em um dado contexto interacional. Uma avaliação pode ser feita de pelo menos duas maneiras<sup>2</sup>:

- a) na *avaliação externa*, o narrador suspende o fluxo narrativo como um parêntese para observar o seu ponto.
- b) na *avaliação encaixada*, o narrador, por meio de recursos expressivos, que não interrompem o fluxo de eventos narrados, insere dramaticidade ao relato, indiciando o sentido como os acontecimentos devem ser entendidos.

5. *Resultado*: revelação do desfecho da complicação narrativa.

6. *Coda*: síntese de encerramento que avalia os efeitos da história e/ou retoma o tempo presente da interlocução.

Embora o modelo laboviano influencie muitas pesquisas que o utilizam como critério para identificação formal das narrativas, algumas críticas e revisões vêm sendo experimentadas (por exemplo, Bastos 2005). A crítica mais recorrente se dá em relação à forma como gêneros menos prototípicos de narrativas são negligenciados nesse modelo clássico. Motivações e contextos interacionais diferentes daqueles investigados por Labov (que coleta seus dados basicamente a partir de entrevistas) geram formas narrativas diferentes das canônicas. Relatos de ações habituais – narrativas baseadas em ações repetidas sem mudança para uma ação complicadora – e histórias hipotéticas –

2. Para reformulações mais recentes acerca do conceito de avaliação e sua relevância para os estudos identitários, remetemos os leitores a Linde (1993) e Bastos (2003).

que não aconteceram ou que estão projetadas para o futuro –, além de outros tipos de “small stories” (Georgakoupoulou 2006, Bamberg e Georgakoupoulou 2008, Bastos 2008), têm sido cada vez mais incluídos no escopo dos estudos da área.

Com base no modelo clássico e nas críticas a ele, o pesquisador interessado na análise de narrativas deve, em primeiro lugar, definir, por exemplo, se um determinado trecho de fala é ou não uma narrativa. É preciso segmentar os dados gerados nos contextos de pesquisa em função da presença (ou não) de narrativas, tanto em uma perspectiva mais ampla (organização geral da fala, ou de seus segmentos), quanto em uma perspectiva mais localizada e episódica, reportando-se a um único evento.

Após isso, o pesquisador pode passar a analisar como se organizam entre si as narrativas na fala em análise. Cabe observar, por exemplo, se há narrativas mais amplas abarcando narrativas menores em sua constituição e como tais narrativas episódicas se encaixam e se relacionam entre si.

#### *4.2. Narrativa e interação*

Contamos histórias cotidianamente porque é normal (na acepção sociológica do termo) fazê-lo. De acordo com Bruner, e com o aval de outros pesquisadores que se dedicam à estrutura e emergência das narrativas em contextos espontâneos (por exemplo, Sacks 1984, Garcez 2001, Mishler 1986, entre outros), contar histórias em interação tem uma centralidade cultural e uma organização regrada que é parte dos métodos tácitos de que o ator social lança mão para interagir em sociedade (cf. Garcez 2001). O ator social “sabe” em que situações são permitidas/requeridas as histórias; o que pode ou não ser contado em uma situação social; de que modo a experiência contada será distribuída entre os atores sociais que puderam ouvi-la (a esse respeito, ver Sacks 1984). Tal saber está patente, por exemplo, na sistematicidade e previsão, por parte dos interlocutores, da suspensão da troca de turnos necessária à introdução da narrativa na conversa.

Nesse sentido, o pesquisador que empreende uma análise de narrativas pode, dentre outras coisas, investigar a emergência de nar-

rativas nos diferentes contextos de pesquisa. Pode ainda observar em que medida os procedimentos descritos na literatura se mantêm, ou não, nas falas em análise: examinar, por exemplo, se nas entrevistas ocorrem, de fato, narrativas mais canônicas, conforme o modelo laboviano; examinar se nas interações cotidianas ocorrem, necessariamente, negociações entre os participantes para a obtenção do espaço para narrar. É possível também observar como as narrativas se relacionam com os tópicos das interações em curso, e analisar como funcionam em relação ao que está sendo dito (como ilustrações, explicações, argumentos, etc.), como novos tópicos são introduzidos, que recorrências, evitações ou resistências estão presentes. Essa descrição, que se dá em nível microanalítico, sobre as relações observáveis entre narradores e ouvintes, pode gerar extrapolações sócio-políticas sobre, por exemplo, como se constroem, interacionalmente, as relações de poder entre os participantes.

#### *4.3. Narrativa e identidade*

Na seção 2 deste artigo, buscamos articular a análise de narrativa com os estudos do discurso e das identidades sociais no âmbito da Linguística Aplicada contemporânea. Isso se dá porque a construção de sentidos identitários é uma das consequências do engajamento nessa prática discursiva que é a produção e a interpretação da narrativa. Conforme lembra Bastos (2005), as escolhas que fazemos ao nos introduzir como personagens em certos cenários, em meio a outros personagens e ações, se dão em função do modo como nos posicionamos em relação a esses elementos e nos afiliamos a certas categorias sociais, mesmo que contingencialmente, sendo parte de um processo de apresentação e interpretação de pelo menos algumas dimensões de quem somos: “ao contar histórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças, valores, ou seja, ao contar histórias, estamos construindo identidades” (Bastos 2005: 81).

Estudos como os de Mishler (2002) olharam para a narrativa e ressaltaram em sua análise a dinamicidade do processo de construção identitária. Estudos como os de Bruner (1990) e Linde (1993) reforçaram sua suscetibilidade aos padrões culturais mais macro. O trabalho dos teóricos do ‘posicionamento’ (Davies e Harré 1990) enfatiza a

capacidade individual da agentividade ao lidar com as forças sociais coercitivas. Todos esses autores de alguma forma abordam o aspecto situado e relacional (dialógico) do processo, que diz respeito à natureza conjunta da ação discursiva de narrar, sempre orientada para plateias e situações sociais distintas. Também conforme lembra Moita Lopes (2001, 2003), é preciso ter em mente que as narrativas são parte de “embates para legitimar sentidos”, e, sendo assim, há que se considerar “quem conta histórias para quem” e “em que espaços institucionais”.

Com base na articulação com os estudos identitários, é possível ao pesquisador interessado na análise de narrativas, por exemplo, observar como narradores e personagens narrados são discursivamente construídos através do uso de noções como posicionamento, agência, alinhamentos, entre outras. A partir delas, é possível elaborar articulações com o contexto macro-contextual ou sócio-histórico, perguntando-se, por exemplo, como estereótipos são aceitos ou rejeitados, ou como as identidades localmente instituídas relacionam-se com discursos especializados ou de senso-comum que circulam na sociedade.

## 5. Dois exemplos de análise

Apresentamos nesta seção dois exemplos de análise, resultados de nossas próprias pesquisas de campo, e que resumem alguns dos modos de trabalho possíveis de se realizar com o uso da análise de narrativa como forma de análise discursiva.

O primeiro é o de Biar (2012), que se debruça sobre o discurso de internos de um complexo penitenciário do Rio de Janeiro, condenados por atividades relacionadas ao comércio varejista de drogas. Na fala desses atores sociais, identifica-se um tipo de narrativa de história de vida (Linde 1993) culturalmente relevante para o grupo – a narrativa de adesão ao tráfico. Nessa análise, identificaremos brevemente a estrutura, funções discursivas e aspectos interacionais de uma das narrativas geradas no trabalho de campo, buscando, também, tecer considerações acerca da (des)construção da identidade desviante.

A segunda análise que apresentaremos foi gestada em um trabalho em parceria com profissionais de saúde interessados em estudar a violência contra crianças e adolescentes com deficiência (Bastos e Corrêa

2011a, 2011b). A partir de um projeto inicial, proposto e coordenado por profissionais de saúde, buscamos, a partir da lente narrativa, conhecer a visão de conselheiros tutelares do Rio de Janeiro em relação a tais registros e seus encaminhamentos.

### *5.1. Narrativas de adesão ao tráfico e neutralização da identidade desviante*

Os dados da pesquisa (Biar 2012) foram gerados em trabalho de campo em uma das unidades do complexo penitenciário. Na ocasião, sete internos que frequentavam a unidade escolar na instituição foram entrevistados e os dados gravados foram transcritos à luz das convenções em anexo. Privilegia-se, para os fins desta seção, a entrevista realizada com José, jovem liderança de uma importante facção do tráfico de drogas de seu estado.

A análise que segue dialoga com os estudos sociológicos sobre desvio (Becker 1963) e estigma (Goffman 1988), que relativizam certas noções sobre crime naturalizadas no senso comum. A partir da adoção de uma perspectiva sobre o desvio que o toma como rótulo resultante de interações intrincadas em muitos planos, envolvendo acusadores, acusados e uma série de relações de poder entre organizações oficiais e não oficiais, nota-se que uma das possibilidades para uma pesquisa que adentra o universo prisional seria poder contribuir para a reflexão sociológica sobre esse fenômeno, tomado como parte de embates discursivos que distribuem identidades sociais estereotipadas. Nortear-se por essa abordagem significa estudar os discursos a partir dos quais as imputações de desvio são aceitas, rejeitadas e discutidas. Uma análise de narrativa permite que, mesmo que os embates literais dos processos acusatórios de que fala Becker não estejam disponíveis ao pesquisador, se estudem esses mesmos discursos enquanto virtualidades manifestadas no modo como as pessoas aprendem a interpretar sua experiência e materializam essa interpretação nos seus discursos. A análise está também informada pela abordagem de Goffman (1988) sobre estigma, ou seja, está ciente das marcas e manejos da identidade estigmatizada na interação da pesquisadora com os internos, dentro da atividade de entrevista de pesquisa.

As narrativas que emergem desse encontro misto, entre desviantes e não desviantes, manifestam o tipo de trabalho interacional alegadamente típico desse contexto. Becker (1967), por exemplo, sugere que o indivíduo desviante, embora consciente da rotulação estigmatizante de suas ações, permanece sensível aos padrões culturais canônicos da sociedade, e que, frequentemente, produz justificativas para sua trajetória, de modo a atenuar, frente aos seus pares, sua condição desviante. Essa observação se alinha com as teorias sobre narrativa que, conforme seção 3 deste artigo, a concebem como uma prática discursiva que ordena e normaliza a experiência extraordinária de um ator social em redes de expectativas e significados disponíveis na cultura de que ele é parte. A análise da narrativa de José é um exemplo representativo dessas ideias: José parece ter consciência da excepcionalidade desviante de sua entrada para o crime e também dos padrões sociais que desabonam tal escolha.

Procuraremos, então, responder a pergunta geral sobre como José construiu sua entrada para o tráfico a partir tanto das relações de sequencialidade, causalidade e sistemas de coerência (Linde 1993) em que a narrativa se apoia, quanto do modo como o narrador se constrói em relação ao seu passado. Abaixo, seguem três excertos a narrativa de José.

### Excerto 1: desculpabilização da Família

- 1 **Liana** ↑vamos começar então... falando um pouco da sua história de vida, né?,  
 2 assim, eu queria que você contasse um pouco pra gente como é que foi  
 3 sua vida.. pode ser]...  
 4 **José** [no caso o quê? da infâ:ncia ou...]
- 5 **Liana** [pode ser desde a infâ::ncia, pode] ser da sua relação com a sua famí:lia,  
 6 vamos começar primeiro do incincho... pra eu tentar reconstruir a sua  
 7 trajetória ... ver quem é.. o José ↑ .hhh  
 8 **José** então vamos lá... eu sou o José, né, atualmente tenho vinte e nove anos,  
 9 nascido e criado lá em Itaboraí... entendeu? ... so:u filho de pais  
 10 separados ... com uma trajetória de vida sofrida...né?, ao ponto de eu  
 11 me- encontrar privado. quando meu pai e minha mãe se separou, eu  
 12 tinha aproximadamente três anos de idade... e daí por diante minha mãe  
 13 começou a lutar pra poder.. sustentar não só eu também, como mais  
 14 quatro irmãos... minha mãe já fo:i dona de (casa), minha mãe já foi  
 15 servente ... minha mãe já fo::i é... empregada doméstica... e daí por  
 16 diante↑... e então minha mãe conheceu um rapaz, né, que veio a criar  
 17 nós↑,...  
 18 **Liana** foi seu padrasto?

- 19 **José** foi meu padrasto. Me criou muito bem. dando educação.. mais  
 20 tranquilo, meu pai também sempre fez (incompreensível) assistência a  
 21 nós e também ( ) e daí foi surgindo o ↑José, né? José estudou, estudou.  
 22 estudou bastante... e- e a família queria mais isso do que (crime).  
 23 estudou, °fez primeiro grau completo° e a <vida> infelizmente me  
 24 reservou isso daqui...

No excerto 1, uma primeira sub-narrativa canônica pode ser identificada com base nos critérios sintáticos labovianos: (i) sumário (“eu sou o José, né, atualmente tenho vinte e nove anos (...) entendeu?”); (ii) orientação (“so:u filho de pais separados (...) encontrar privado” - linhas 8-11); (iii) ações narrativas (“quando meu pai e minha mãe se separou (...) e a família queria mais isso do que (crime)” - linhas 11-22); 4. coda: (“e a vida infelizmente me reservou isso daqui”). Comparece, nesses movimentos discursivos, um sub-ponto recorrente nas histórias de vida dos internos: isentar a família das responsabilidades sobre a entrada no tráfico, construindo-a, especialmente aos pais, a partir de avaliações positivas. A fala de José, marcada por paralelismos enfáticos (linhas 14-15), atribui, por exemplo, à mãe, qualidades relacionadas à luta, garra e honestidade. Nota-se que mesmo a separação dos pais de José, referida primeiramente na linha 11, é reformulada de modo positivo (“foi meu padrasto. me criou muito bem (...) meu pai também sempre fez assistência a nós”), de modo a amenizar seu potencial problemático. Nas linhas 21-22, o protagonista da história se constrói como alguém que emerge dessa estrutura familiar adequada – como quem herda, inclusive, o *self* agentivo e honesto atribuído à mãe. Novamente, são as repetições enfáticas (“José estudou, estudou, estudou”) que funcionam como recurso avaliativo nesse sentido.

## Excerto 2: aptidão profissional

- 29 **José** que hoje em dia eu- eu sei que sou capaz de desenhar, eu sou artista  
 30 plástico ... e::  
 31 **Liana** [ah, eu não sabia que você também... faz parte do grupo  
 32 ((olhamos todos para as pinturas do outro lado da sala))  
 33 **José** eu até fiz aquele lá, a senhora lá com o neném lá. eu fui fazendo  
 34 ((aponta com orgulho uma das melhores obras expostas na sala)),  
 35  
 36 **Liana** que ↑ótimo... .hhh  
 37 **José** a foto, olho para a foto aqui e jogo no papel ... vários tamanho...,  
 38 qualquer tamanho eu jogo e: (...)



No excerto 2, uma segunda sub-narrativa, menos canônica que a primeira, mas de função semelhante no discurso, é construída. Um novo sumário (“que hoje em dia eu - eu sei que sou capaz de desenhar, eu sou artista plástico”) rompe a história familiar em andamento para introduzir uma nova virtude de José. As orações narrativas subsequentes (linha 33), ancoradas na referência dêitica à obra exposta na sala em que se realizou a interação, sublinham a competência artística de José, e constroem o segundo sub-ponto de sua história. Agora, José se constrói como alguém capaz, talentoso e esforçado. As habilidades com desenho são descritas com ações no presente e índices de avaliação positiva, como autoelogios. Com as repetições e ritmo paralelístico (linhas 33; 37-38), tais habilidades são representadas como corriqueiras e comuns ao cotidiano de um artista talentoso.

### Excerto 3: a entrada no tráfico

- 39 **José** (...) qualquer tamanho eu jogo e:.... ( ) realmente as autoridades veio a me  
40 transformar nisso... porque... quando eu tinha a idade de: dezesseis anos ...  
41 eu sempre tive uma aparência assim ao.. primeiro olhar que alguém tem  
42 pra mim diz que eu sou criminoso, .. pela minha aparência.. .. aí várias  
43 vezes eu indo pra escola, ou vindo da escola, eu indo prum bar, ou indo pra  
44 alguma  festa, eu sempre me deparava com uma viatura ou um policial,  
45 sempre. o primeiro, esse foi o primeiro.. ↑então, aos meus dezessete anos  
46 de idade .. foi quando? sofri a primeira violência policial.. por quê? tava  
47 indo namorar uma menina ... trabalha:va, estuda:va... mas quando no ponto  
48 de ônibus tinha um rapaz também que .. à vista deles era criminoso.. já  
49 fichado né?, ↓no caso.. então me abordaram., me aborda:ram, .. falaram  
50 que eu era criminoso e que era ( ) pra eu botar a minha carteira e .. meu  
51 contracheque, e não tive ideia “↑aqui não tem idéia não, que pá, ...passa  
52 perto de vagabundo, vagabundo mesmo”. e eu como? sendo abordado, e  
53 então eu não tenho que parar ao lado de quem não tem que ( ) me agrediu  
54 fisicame:nte, moralme:nte também... e daí por diante eu fiquei mal visto  
55 por e:les, por ser uma pessoa por  
56 falar o que eu penso.
- 61 **Liana** [ficou marcado.
- 62 **José** [fiquei marcado por um (brutão) deles, tava como?, me marcando ...  
63 ao ponto de falar pro dono da boca que se me encontrasse quatro horas da  
64 noite tal  
65 ( ) eu não seria mais, ↓não taria mais vivo, né?... aí minha família também  
66 (teve essa preocupação...). foi aonde que eu tive que abandonar a escola,  
67 abandonar ↓ tudo.

Na terceira e mais longa sub-narrativa, José constrói um novo sumário avaliativo (“realmente as autoridades veio a me transformar nisso”), e inicia o desenvolvimento de outro ponto: justificar sua

entrada para o tráfico. Esse resumo, que aparentemente rompe com o fluxo de tópicos da entrevista, está na verdade retomando o sumário já construído no excerto 1 (“com uma trajetória de vida sofrida, né?, ao ponto de eu me encontrar privado”), redirecionando-o para a adesão ao crime. Se o sofrimento lá anunciado parecia incoerente com a história familiar de garra e honestidade contada inicialmente por José, agora ele assume um contorno diferente.

Essa nova narrativa também apresenta estrutura pouco canônica. A longa orientação (linhas 40-46) que leva o interlocutor a um período pontual da adolescência, ao mesmo tempo que destaca pela primeira vez um atributo construído negativamente (“eu sempre tive uma aparência assim ao.. primeiro olhar que alguém tem pra mim diz que eu sou criminoso”). Em seguida, José formula um outro sumário que reenquadra as orações narrativas subsequentes: “então, aos meus dezessete anos de idade .. foi quando? sofri a primeira violência policial..”. Dessa vez, as orações narrativas prestam conta de um episódio específico, localizado pontualmente no passado de José.

As avaliações presentes no excerto, como o comentário sobre sua aparência criminosa, fazem com que aquele *self*, antes capaz e proveniente de uma família adequada e honesta, passe a se vitimizar diante de circunstâncias as quais ele não controla, como a sua aparência e a frequência da vigilância policial. Tal frequência é enfatizada avaliativamente por meio de paralelismos enfáticos (linhas 43-44; 45-46; 47; 50-51) e fala reportada (linhas 51-52), conferindo dramaticidade à ação complicadora, levando o ouvinte para dentro da narrativa.

O narrador começa, então, a atribuir a um episódio mais recente, a violência policial, a causa determinante de sua entrada para o crime. É após a discussão com o policial que José passa a ser perseguido e tem de buscar refúgio com os traficantes da comunidade, com quem aprende o novo ofício: “foi aonde que eu tive que abandonar a escola, abandonar tudo”.

Tanto a primeira narrativa sobre a família quanto aquela que descreve a aptidão de José para artes plásticas passam a se subordinar à terceira narrativa: as duas primeiras histórias (excertos 1 e 2) são transformadas em orientação para a terceira (excerto 3). Se a violência policial é o que “provoca” a adesão de José ao tráfico, então os

movimentos de salvar a família e o apagamento de uma predisposição natural ao crime constroem um estado inicial favorável e durativo para o protagonista, que só a partir de um evento específico e disruptivo, localizado num passado pontual, tem sua vida transformada, a exemplo do que Mishler (2002) denominou “ponto de virada”. Nesse sentido, o ordenamento em si da narrativa pode ser visto como um recurso de avaliação cuja implicatura é a ausência de responsabilidade de José sobre sua condição desviante. Serão o “sistema”, a polícia, as discriminações, isto é, elementos externos, os condicionantes para os rumos de sua história de vida.

Além disso, é proeminente na narrativa de José uma alternância entre construções agentivas e passivas: aquele narrador-personagem, antes capaz e ativo em relação aos objetos e ações do passado durativo das duas narrativas com função orientativa, desaparece nas orações narrativas de passado pontual da ação complicadora (a violência policial). Essa característica de seu discurso contribui para a modalização da responsabilidade sobre a ação desviante, atribuindo-a a outrem e salvando, em consequência disso, a sua própria face do extraordinário do desvio e da desordem interacional que sua confissão supostamente instauraria.

Por essas características, a narrativa de José parece sustentada por um sistema de coerência, isto é, um sistema interpretativo derivado de expectativas culturais, segundo a qual o desvio é consequência de seu assujeitamento a um conjunto de determinações sociais, como pobreza e discriminação de classe. Em outras palavras, a linha que sustenta a narrativa de José consiste numa versão simplificada da tese da criminalização da pobreza. Sua história funciona como um normalizador de seu estigma; sua atividade desviante passa a ser construída como inescapável e justificada.

Na narrativa de José, e de acordo com o sistema de coerência que a costura, a ausência da agentividade não é sinônimo de alienação, mas de um assujeitamento consciente e crítico. A identidade desviante, implicada nessa construção, vai sendo ressignificada ou substituída por um outro projeto identitário, uma vez que os símbolos estigmatizantes são trocados por outros de valor social positivo, porque apoiados nas ideias de opressão e vitimização social virtualmente compartilhados pelos participantes.

## 5.2. *Violência e deficiência em narrativas do Conselho Tutelar*

A perspectiva da narrativa também orientou os trabalhos conjuntos entre profissionais de saúde e linguistas aplicados em pesquisa no Conselho Tutelar do Estado do Rio de Janeiro. Nossa atuação nesse grupo interdisciplinar teve início com um seminário oferecido à equipe de saúde, no qual discutimos concepções de narrativa e a natureza da entrevista a ser realizada. Acordamos que buscaríamos estimular a produção de narrativas em entrevistas não estruturadas. Foram realizadas então 15 entrevistas, gravadas e transcritas conforme lista de convenções em anexo. Com base nessas transcrições, mapeamos tópicos recorrentes, iniciamos a identificação de momentos narrativos. Diferentes percursos de análise foram assim abertos: os que se voltaram para a percepção dos conselheiros sobre suas tarefas e dificuldades no exercício de suas funções (Moreira et al 2014) e os que observaram a construção de identidade dos conselheiros (Correia 2012) e suas percepções sobre deficiência e violência (Bastos e Correa 2011a, 2011b).

A equipe de saúde tinha o interesse específico de conhecer o entendimento dos conselheiros sobre deficiência e sobre as dificuldades que enfrentavam para lidar com casos de violência a deficientes. Para atender a tal demanda, nossa proposta foi olhar para narrativas que os conselheiros contaram quando perguntados sobre tais questões. Apresentaremos a seguir narrativas de três conselheiros, com suas percepções sobre deficiência. A análise se faz a partir de uma perspectiva interacional da narrativa, que, conforme apresentamos nas seções anteriores, revê elementos do modelo labovianos clássico. Vejamos, inicialmente, o que relata a conselheira Tina<sup>3</sup>:

### Excerto 4: “é assim o que eu percebo”

- |    |       |  |
|----|-------|--|
| 01 | Anita | diz pra gente é: é: Tina o que é pra você uma criança um |
| 02 |       | adolescente com deficiência                              |
| 03 | Tina  | pra mim o que que é assim o que eu percebo               |
| 04 | Anita | aham:  |

3. Tina, 50 anos, trabalha em um Conselho Tutelar da Baixada Fluminense em seu segundo mandato. Não tem formação acadêmica e se apresenta como líder religiosa.

## Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social

- 05 **Tina** ah: eu eu assim sinceramente eu não sei te dizer ... assim... é::  
 06 agora pouco antes de vocês chegarem eu tava atendendo um  
 07 adolescente, uma criança de nove anos né em que a mãe tava  
 08 passando pra mim a dificuldade dele de fAla de:: de aprendizAdo  
 09 de leitura ... falei então essa criança é uma criança que tem algum  
 10 tipo de deficiência, né porque se essa criança não consegue atender  
 11 tá com nove anos tem uma dificuldade de falar tremen:da e ele  
 12 QUERIA falar comigo ai eu perguntava a mãe dele respondia eu  
 13 falei não deixa ELE falar comigo mas ele assim a ÂNSIA que ele  
 14 tinha de falar mas a dificuldade dele de falar né ai teve uma hora  
 15 que ele abaixou a cabeça ... então pra mim essa criança É: uma  
 16 criança que precisa de uma atenção especial de cuidado especial  
 17 porque ela tem uma deficiência né então eu vejo mais ou menos  
 18 por aí

Como as outras narrativas que apresentaremos, a história de Tina é formulada em um movimento argumentativo: inicialmente, introduz uma posição em relação ao tópico em questão – “pra mim o que que é assim o que eu percebo” – e, na sequência de sua fala, conta uma história ilustrativa de sua posição. O ponto da narrativa de Tina é mostrar o que ela percebe como deficiência. Essa não é uma narrativa construída nos moldes canônicos labovianos, mas entendemos que há no segmento uma narrativa, sobretudo em função da ordenação temporal que Tina estabelece entre as seguintes ações: “ele queria falar comigo”, “eu perguntava”, “a mãe respondia”, “eu falei deixa ELE falar comigo”, “ele baixou a cabeça”. Essas ações são precedidas e entremeadas de muitos elementos de orientação (por exemplo, “criança de nove anos”, “dificuldade dele de falar”) e fechadas por uma coda avaliativa: “É: uma criança que precisa de uma atenção especial de cuidado especial porque ela tem uma deficiência”.

Vimos, assim, que com base em sua experiência recente de trabalho como conselheira, Tina fala, em primeira pessoa, sobre o que entende por deficiência, narrando um caso de uma criança com deficiência intelectual.

Vejamos, agora, como o conselheiro Carlos<sup>4</sup> fala sobre deficiência:

4. Carlos, 44 anos, trabalha em um Conselho Tutelar da Zona Sul da cidade, e na época da entrevista estava em seu primeiro mandato. É jornalista por formação.

**Excerto 5: “somos deficientes em atender deficientes”**

- 06 **Olivia** você me desculpa eu falei deficiência mental é que é uma coisa que  
07 eu mais:: mas deficiência de [um modo geral]  
08 **Anita** [um modo geral]  
09 **Carlos** a mental é hoje eu tenho a certeza absoluta e digo sempre o  
10 seguinte quem chega aqui com comprometimento seja ele de  
11 natureza ... psíquica vamos dizer assim ... ou melhor deixa eu  
12 arrumar essa ... as pessoas que chegam aqui com qualquer  
13 comprometimento pelo uso de qualquer substância entorpecente eu  
14 acho que tem que começar pela saúde mental é a porta de entrada  
15 pra você poder hoje conhecer alguém é a saúde mental ... agora  
16 quanto a deficiência todos nós somos deficientes deficientes em  
17 atender deficientes em informações nós não sabemos nem a forma  
18 correta de você:: é:: se dirigir a alguém com deficiência eu não sei  
19 se ... por exemplo uma pessoa com comprometimento mental eu  
20 não sei se chamo de doido de maluco você fica assim com medo de  
não tá sendo politicamente correto
- [...]
- 29 **Olivia** como é que você vê quem você considera fora deficiência  
comprometimento mental como é que você consideraria uma  
pessoa com deficiência
- 34 **Carlos** olha deficiência aquelas assim mais ... são as deficiências físicas ...  
35 agora o que mais me chama atenção e ai ( ) é a deficiência mental  
36 pelo seguinte hoje a gente sabe que qualquer substância ela vai  
37 causar uma alteração não sei se é a palavra certa psíquica ou  
38 mental ou seja enfim ela vai ter um comprometimento e a gente  
39 acompanha isso diariamente então você não tem condições  
40 técnicas ou legais de dizer que esse cara é doido mas a gente tenta  
41 por exemplo sensibilizar as outras autoridades que possam de  
42 forma é de forma:: ... mais ... é:: me fugiu a palavra ... é:: deixa eu  
43 dar um exemplo que é o seguinte um garoto que faz uso de crack  
44 como de bebida alcoólica a gente sabe que isso vai causar uma  
45 alteração mental então assim quem É:: eu me garante que ele não  
46 vai ter um surto psicótico que ele não vai desenvolver uma  
47 qualquer atividade normal tô te falando isso porque em casa eu  
48 tenho um primo que ele tem esquizofrenia e essa esquizofrenia  
49 desenvolveu a partir da morte do pai dele... então ai a gente  
conheceu um pouco esse mundo o mundo da loucura

Assim como Tina, Carlos também declara sua falta de conhecimento e segurança para lidar com casos de crianças ou adolescentes com deficiência: “nós somos deficientes, deficientes em atender deficientes”. A seguir, também como Tina, em uma fala narrativa não canônica, apresenta sua posição sobre o tema, que é a de priorizar a dimensão mental da deficiência. Carlos engata uma sequência de duas narrativas breves: a primeira traz uma generalização sobre usuários de drogas, construída como uma narrativa hipotética. Nela é possível identificar uma ordenação temporal: “um garoto faz uso de crack como de bebida

alcoólica”, “isso vai causar uma alteração metal”, “vai ter um surto psicótico”. A experiência de Carlos com esse tipo de situação é reforçada por uma segunda narrativa breve, em torno de sua experiência familiar com doenças mentais. Carlos fala sobre o primo que desenvolveu uma esquizofrenia depois da morte do pai, o que levou a família a conhecer o “mundo da loucura”.

Vejamos, por fim, a fala da conselheira Clara<sup>5</sup>, para quem crianças e adolescentes com deficiência são “pessoas que precisam de um olhar específico”.

### Excerto 6: “precisam de um olhar específico”

- |    |               |   |
|----|---------------|---|
| 01 | <b>Olivia</b> | Clara me diz uma coisa, o que que é pra você criança e adolescente com deficiência ... mudando assim o tema   |
| 02 |               |   |
| 03 | <b>Clara</b>  | criança e adolescente com deficiência ... pra mim são é: é: pessoas que precisam né de de um olhar específico ... né e há atendimentos específicos como todos na verdade como todos todos nós é: atendimento personalizado independente até de:: alguma deficiência física né psicológica é:: neurológica acho que mais que ( ) uma criança portadora de deficiência né tem algumas especificidades que precisa ter um olhar específico pra aquela questão. |
| 04 |               |   |
| 05 |               |   |
| 06 |               |   |
| 07 |               |   |
| 08 |               |   |
| 09 |               |   |

Após apresentar sua visão sobre deficiência, Clara também introduz reparos em relação ao que está entendendo sobre “olhar específico”: “todos todos nós é: atendimento personalizado independente até de:: alguma deficiência”. Logo a seguir, ainda na tentativa de esclarecer sua visão de deficiência, ela conta a história de um cadeirante e a luta pela busca de uma escola com acessibilidade.

### Excerto 7: “a gente ainda tá lutando”

- |    |              |  |
|----|--------------|--|
| 01 | <b>Clara</b> | eu lembro que em questão de deficiência física a gente ainda tá lutando há dois anos para um cadeirante conseguir uma vaga numa escola próxima de sua residência |
| 02 |              |  |
| 03 |              |  |
| 04 | <b>Anita</b> | então conta pra mim esse caso assim ele chegou aqui co::mo quem atendeu:: e ai como é que era:=  |
| 05 |              |  |

5. Clara atua em um Conselho Tutelar da Baixada Fluminense, tem 34 anos e estava em seu primeiro mandato na ocasião da entrevista. É formada em pedagogia.

06 **Clara** =é:: é:: uma criança que tem: ... é: ossos de vidro ... e a família veio  
 07 procurar porque a família tava pagando colégio particular assim  
 08 PAGANDO não, ganhou uma bolsa então o custo era menor mas era  
 09 muito longe de casa e eles não conseguiam não tinham dinheiro pra  
 10 pagar:: uma escola particular mais próxima e não conseguia bolsa  
 11 também e as escolas públicas próximas também não estavam  
 12 preparadas ... não conseguiam atender ... e ele por ter os ossos de  
 13 vidro é: tá sempre tendo problema de necessidade de atendimento  
 14 médico de às vezes imediato emergencial e:: é cadeirante ... então as  
 15 escolas não tão preparadas pra receber cadeirante ... né a própria  
 16 estrutura física não só os profissionais não estão preparados para  
 17 lidar com portadores e a estrutura física também não tá pra  
 18 cadeirante e:: a gente tá há dois anos ligando já foi feito pro  
 19 ministério público mas assim as escolas não têm estrutura pra poder  
 20 estar recebendo, aí a gente tá agora com a promessa que teve uma  
 21 escola que foi: tá em reforma então tem a promessa de que já nessa  
 22 reforma adaptar:: preparar:: rampa e coisa pra poder:: aí assim que  
 23 acabar essa obra estar incluindo ele nessa escola ... mas aí o  
 24 tempo vai passando daqui a pouco ele não tem idade pra estudar  
 25 por causa de uma escola no estado que seja próxima e que tenha  
 26 acessibilidade né  
 27

Diferentemente de Carlos e Tina, Clara fala da deficiência física, e não da intelectual. Após a apresentação do sumário (linhas 1-3), Clara constrói uma narrativa com longos trechos de orientação (linha 6, linha 7-17), nos quais apresenta seu conhecimento ‘específico’ do caso em pauta: a situação da família, a doença da criança, a falta de preparo das escolas. A ordenação temporal de ações narrativas inclui ações no passado (“a família veio procurar”), no presente (“e:: a gente tá há dois anos ligando”) e no futuro (“assim que acabar essa obra estar incluindo ele nessa escola”). A coda se faz também em torno de uma projeção para o futuro, que dá uma dimensão de circularidade à luta do Conselho Tutelar: a escola vai aceitar a criança, a criança vai crescer e precisar de outra escola, “a gente” vai brigar por outra escola. Interessante notar também que Clara formula sua experiência como uma luta profissional, empreendida pela “gente” (não “eu”), que, coerentemente com o que anuncia no sumário, traz um olhar específico para o caso.

Observando as narrativas acima, podemos, em primeiro lugar, conhecer mais de perto a perspectiva dos conselheiros sobre o trabalho que desenvolvem, que atividades introduzem em suas falas, tais como perceber casos de deficiência ou lutar por melhores condições de vida de crianças com deficiência. Podemos também conhecer um pouco



mais a compreensão que os conselheiros têm sobre o que é deficiência: a deficiência mental estaria ligada à esquizofrenia, problemas de aprendizagem; o uso de drogas é apresentado a partir de generalização da experiência; a deficiência física está presente no caso do menino cadeirante com ossos de vidro. Não há, nessas entrevistas, menção a casos de deficiência visual, surdez, síndrome de down, entre outros, que certamente estão mais presentes no senso comum como exemplos de deficiência<sup>6</sup>.

Observamos também como formulam suas dificuldades declarando, diretamente, desconhecimento do assunto; reformulam suas posições. Tais dificuldades, no entanto, não os impedem de apresentar suas posições e experiências com casos de deficiência. A análise de narrativa nos permitiu conhecer perspectivas sobre o trabalho do conselheiro tutelar, o modo como eles se constroem como profissionais com sensibilidade e determinação, ainda que não tenham sido preparados para o tratamento das deficiências. Mais que isso, para os conselheiros, o fundamental não é ter tais conhecimentos específicos, mas mostrar sua experiência profissional e sua capacidade de atuação. Acreditamos que tais resultados sejam úteis para as áreas da saúde e da educação, que lidam mais diretamente com os Conselhos Tutelares, tendo em vista não apenas a formação de futuros profissionais, como também a formulação de políticas públicas nas duas áreas.

## 6. Considerações finais

Ao longo deste artigo buscamos apresentar o que entendemos por análise de narrativa em sua dimensão formal, social e situada das narrativas. Sobretudo, oferecemos algumas diretrizes teórico-metodológicas que (i) entedem a narrativa como uma prática social constitutiva da realidade e (ii) enquadram esse tipo de análise como uma forma de se fazer análise do discurso. Quisemos, além disso, reafirmar nosso entendimento de que a análise de narrativa é muito útil para entender o que acontece na vida social. Especificamente, mostra-se produtiva para o trabalho inter e multidisciplinar.

---

6. Segundo profissionais de saúde da equipe de pesquisa, tais casos não costumam ser encaminhados ao Conselho Tutelar.

Nos dois exemplos de análise, vimos que o olhar sobre a organização discursiva das narrativas proporcionou, no primeiro caso, observar como se (des)constróem, localmente, os signos do estigma e do desvio, caros à sociologia e comumente estudados à luz de observação etnográfica, estatísticas ou análise transparente do conteúdo de entrevistas de pesquisa. O segundo exemplo nos permitiu a parceria com profissionais na área de saúde, em diversos momentos da pesquisa: tanto no desenho inicial dos procedimentos e na análise das entrevistas, quanto na etapa de ‘devolução’ da pesquisa aos conselheiros tutelares e profissionais de saúde em formação.

Em ambos os casos, contamos com a relativa simplicidade da proposta de análise, que propicia a troca de inteligibilidades entre os campos teóricos e profissionais, o desenvolvimento de um vocabulário conjunto de trabalho e problematizações diversas sobre a natureza situada e interacional dos dados gerados em campo.

Recebido em outubro de 2014

Aprovado em outubro de 2014

E-mail: lilianacbastos@gmail.com

lianabiar@gmail.com

## Referências bibliográficas

- BAMBERG, Michael & Alexandra GEORGAKOPOULOU. 2008. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text & Talk*. 28/3:377-396.
- BASTOS, Liliana Cabral. 2003. Fala treinada, tecnologia e identidade de gênero em atendimentos telefônicos. *Crop*. 9:31-53.
- \_\_\_\_\_. 2005. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópico*. 3/2:74-87.
- \_\_\_\_\_. 2008. Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópico*. 6/2:76-85.
- \_\_\_\_\_ e Marcella da Silva CORRÊA. 2011a. Violence and disability: the experience of public counsellors with children and adolescents in Brazil. *Ninth Interdisciplinary conference Communication, Medicine and Ethics (COMET)*. Book of Abstracts. Nottingham.

- \_\_\_\_\_ e Marcella da Silva CORRÊA. 2011b. Deficiência e violência. Notas de pesquisa. Palestra proferida no seminário “Crianças e adolescentes com deficiência em situação de violência. IFF/Fiocruz.
- BECKER, Howard. 2008[1963]. *Outsiders: estudos da sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BIAR, Liana. 2012. “Realmente as autoridades veio a me transformar nisso”: narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- BRUNER, Jerome. 1990. *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press.
- BUTLER, Judith. 1990. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- CLANDININ, D. Jean & F. Michael CONNELLY. 2011[2004]. *Pesquisa narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Uberlândia: EDUFU.
- CORRÊA, Marcella da Silva. 2012. A construção identitária de quatro conselheiros tutelares atuantes no Estado do Rio de Janeiro: uma análise narrativa. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- DAVIES, Bronwyn & Ron HARRE. 1990. Position: the discursive construction of selves. *Journal of Theory of Social Behavior*. 20/1:43-63.
- DENZIN, Norman K. & Yvonna S. LINCOLN. (eds.). 2006. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed Bookman.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. 2006. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. Ed.. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & Janaína AMADO. 1996. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- FREEMAN, Mark. 2006. Life “on holiday”? In defense of big stories. *Narrative Inquiry*. 16/1:131-138.
- GARCEZ, Pedro. 2001. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: Branca Telles Ribeiro, Cristina Costa Lima & Maria Tereza Lopes Dantas. Eds. *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Ipub.
- \_\_\_\_\_. 2002. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: Luis Paulo da Moita-Lopes & Líliliana Cabral Bastos. Eds.. *Identidades: recortes inter- e multidisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

- GEORGAKOPOULOU, Alexandra. 2006. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. *Narrative Inquiry*. 16/1:122-130.
- GERGEN, Kenneth. 1998. Construcionism and realism: how are we to go on? In: Ian Parker. Ed.. *Social Constructionism, discourse and realism*. Londres: SAGE Publications.
- GOFFMAN, Ervin. 1989[1959]. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 1974. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row.
- \_\_\_\_\_. 2002 [1981]. *Footing*. In: Branca Telles Ribeiro & Pedro Garcez. Eds.. *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola.
- \_\_\_\_\_. 1988. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- GUMPERZ, John. 2002[1982]. Convenções de contextualização. In: Branca Telles Ribeiro & Pedro Garcez. Eds.. *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Loyola.
- HERMAN, David. 2007. *The Cambridge companion to narrative*. Cambridge: University Press.
- LABOV, William & Joshua WALETZKY. 1967. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: June Helm. Ed.. *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press.
- LABOV, William. 1972. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LINDE, Charlotte. 1993. *Life stories: the creation of coherence*. New York: Oxford University Press.
- MISHLER, Elliot. 1986. *Research interviewing. Context and narrative*. Cambridge: Harvard University Press.
- \_\_\_\_\_. 1999. *Storylines: craftartists' narratives of identity*. Cambridge: Harvard University Press.
- \_\_\_\_\_. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. 2002. In: Luiz Paulo da Moita Lopes & Liliana Cabral Bastos. Eds.. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. 2001. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: Branca Telles Ribeiro, Cristina Costa Lima & Maria Tereza Lopes Dantas. Eds.. *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Ipub.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. 2002. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras.
- \_\_\_\_\_. (ed.). 2003. *Discursos de identidades*. Campinas: Mercado das Letras.

- \_\_\_\_\_. 2006. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. Ed. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- MOREIRA, Martha Cristina, Olga Maria BASTOS, Liliana Cabral BASTOS, Ana Helena ROTA SOARES, Waldir da Silva SOUZA & Rachel Niskier SANCHEZ. 2014. Violência contra crianças e adolescentes com deficiência: narrativas com conselheiros tutelares. *Ciências & Saúde Coletiva*, 19/9:3869-3877.
- OCHS, Elinor & Lisa CAPPS. 2001. *Living Narrative: creating lives in everyday storytelling*. Cambridge: Harvard University Press.
- HERMAN, David. 2007. *The Cambridge companion to narrative*. Cambridge: University Press.
- SACKS, Harvey. 1984. On doing “being ordinary”. In: J. Maxwell Atkinson e John Heritage. Eds.. *Structures of social action: studies in conversation analysis*. Cambridge: University Press.
- RIESSMAN, Catherine Koller. 1993. *Narrative Analysis*. Newbury Park: Sage.
- \_\_\_\_\_. 2008. *Narrative methods for the human sciences*. California: Sage.
- SCHWANDT, Thomas. 2006. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. In: Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln. Eds. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- SILVERMAN, David. (ed.). 1997. *Qualitative research: theory, method and practice*. Londres: Sage.
- VELHO, Gilberto. 1981. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.
- WEBSTER, Leonard e Patricie MERTOVA. 2007. *Using narrative inquiry as a research method: an introduction to using critical event narrative on learning and teaching*. Abingdon: Routledge.

## ANEXO

## Convenções de transcrição

...	pausa não medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
<b>sublinhado</b>	ênfase
<b>MAIÚSCULA</b>	fala em voz alta ou muita ênfase
<b>°palavra°</b>	palavra em voz baixa
<b>&gt;palavra&lt;</b>	fala mais rápida
<b>&lt;palavra&gt;</b>	fala mais lenta
<b>: ou ::</b>	alongamentos
<b>[</b>	início de sobreposição de falas
<b>]</b>	final de sobreposição de falas
<b>( )</b>	fala não compreendida
<b>(( ))</b>	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
<b>“palavra”</b>	fala relatada, reconstrução de um diálogo
<b>hh</b>	aspiração ou riso
<b>↑</b>	subida de entonação
<b>↓</b>	descida de entonação

Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989).